

Diego Pontes

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 10: A transposição didática da esfera acadêmica à regência no ensino de sociologia

Apontamentos sobre a Antropologia brasileira no livro didático *Sociologia Hoje*

Belém, Pará

2023

APONTAMENTOS SOBRE A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA NO LIVRO DIDÁTICO *SOCIOLOGIA HOJE*

Diego Pontes ¹

INTRODUÇÃO

O presente trabalho deriva das reflexões apresentadas em minha monografia do Curso de Especialização Lato Sensu em Saberes e Práticas na Educação Básica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (CESPEB/UFRJ)², e tem por meta elucidar a antropologia brasileira no livro didático *Sociologia Hoje*. Dessa forma, busco compreender de que maneira o conteúdo é apresentado no livro, passando pela apresentação de autoras, autores e obras que marcaram esse modo de pesquisa “à brasileira”, pontos que são explorados neste recurso didático e que aqui buscarei maior aprofundamento analítico.

Durante o ano de 2015, sob orientação dos professores Alberto Brunetta e Nise Jinkings, cursei o Estágio Supervisionado em Ciências Sociais no curso de Licenciatura na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O estágio, um dos requisitos para formação

1 Graduado em Ciências Sociais e Doutorando em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, diegopontez@gmail.com;

2 Monografia defendida em setembro de 2020 no Curso de Especialização em Saberes e Práticas da Educação Básica – Ênfase em Ensino de Sociologia (CESPEB-UFRJ), sob orientação da professora Dra. Anita Handfas, cujo título é *Apontamentos sobre a Antropologia brasileira no livro didático Sociologia Hoje*.

como licenciado, foi realizado em dois semestres, onde junto ao professor da educação básica Jorge Luiz Simoneti, acompanhei a turma da 1º série do ensino médio durante o ano letivo na Escola de Educação Básica Leonor de Barros, em Florianópolis/SC. À época, o livro didático *Sociologia Hoje* havia recentemente sido recomendado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2015-2017, e foi então que tive meu primeiro contato com o livro que neste trabalho busco analisar.

Em meu Trabalho de Conclusão de Licenciatura (TCL) na UFSC, debrucei meu olhar para o livro em questão a partir de indagações relativas ao debate sobre gênero e sexualidade nele encontrado. Naquela ocasião, em 2016, chamei atenção para o avanço político conservador e seus reflexos na discussão sobre o lugar da sociologia como disciplina da educação básica e dos assuntos por ela tematizados, especificamente no debate sobre gênero e sexualidades (PONTES, 2017).

Dito isso, na atmosfera dos estudos que compreendem o ensino de antropologia na educação básica e do meu contato com o livro *Sociologia Hoje* ao longo de minha graduação, algumas novas questões emergiram e ganharam corpo durante a disciplina “Antropologia em sala”, do professor Rodrigo Rosistolato, na Especialização do CESPEB-UFRJ - Ênfase Ensino de Sociologia -, onde na oficina “Qual cultura aparece nos livros didáticos?”, revisei o livro em sua unidade dedicada à antropologia.

Assim, na esteira dessa discussão, a ideia a ser desenvolvida neste trabalho visa adentrar ao livro *Sociologia Hoje*, dos autores Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros, e, com isso, refletir sobre como a antropologia é didatizada no livro em questão. Por esse caminho, considerando que este recurso traz consigo a especificidade de um material voltado para a sociologia no ensino médio que, como impresso em sua capa, “inclui a Antropologia e a Ciência Política”, apresentando, dessa maneira, as disciplinas de forma independente. Na contramão de alguns debates acadêmicos sobre a separação e independência das áreas das ciências sociais - sociologia, antropologia e ciência política -, que já vêm costurando consensos de que a sociologia escolar é caracterizada pela “fusão” dessas três áreas disciplinares, o livro didático aqui aberto à reflexão destaca claramente essa separação, onde cada unidade representa um dos campos das ciências sociais.

Cabe ainda ressaltar que nos últimos anos evidenciamos um considerável avanço de pesquisas que destacam como meio de análise os livros didáticos de sociologia utilizados na educação básica. Essas investigações acabam por frisar e sugerir a necessidade de aprofundamentos e ampliações analíticas de pesquisas que considerem indagações a respeito do ensinar e aprender ciências sociais em suas diferentes possibilidades e contextos



(FONTES, 2019; MAÇAIRA, 2017; DESTERRO, 2016; LIMOEIRO, 2016; OLIVEIRA, 2013). Por essa direção, considero, de maneira modesta, que as reflexões encontradas neste trabalho possam vir a contribuir para a discussão do tema aqui abordado, assim como auxiliar professores e professoras de sociologia na educação secundária que também utilizam livros didáticos como recurso pedagógico no ensino do conteúdo e do conhecimento sugerido pelos currículos e diretrizes da disciplina.

Para a articulação dessa discussão, trago apontamentos segundo a ótica de Basil Bernstein (2003) sobre o conhecimento escolar recontextualizado e a mediação didática, abrindo, com isso, caminho para um olhar que abarque o “trânsito” do conhecimento acadêmico das ciências sociais para o saber presente no currículo da sociologia nas escolas brasileiras. A abertura do livro *Sociologia Hoje* para reflexões evidencia, segundo o apontamento de seus autores, a busca por uma construção narrativa pautada no debate sobre as diferenças e as desigualdades, que por sua vez aparece pulverizada por todos os capítulos, ganhando específico destaque no referente à antropologia. Das elucidações que se levantam, torna-se possível lançar luz para questões que indelevelmente envolvem a transposição e exposição do conteúdo na disciplina de sociologia no novo ensino médio que se anuncia no atual contexto brasileiro de disputas políticas pautadas em reformas, revisionismos e novos meios de pensar a mediação didática.

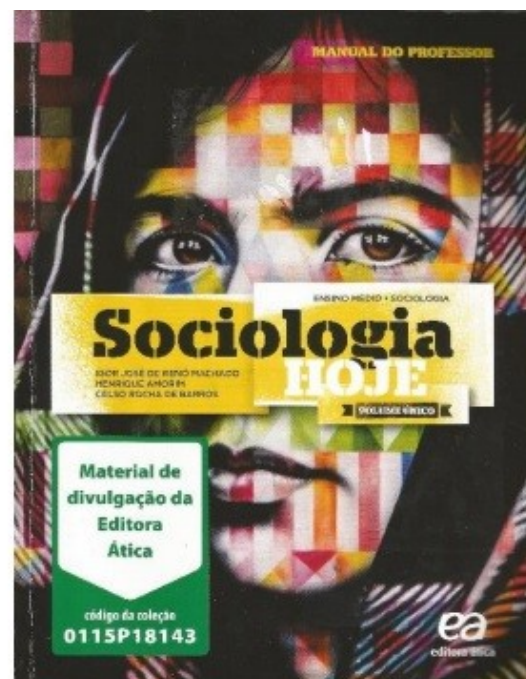
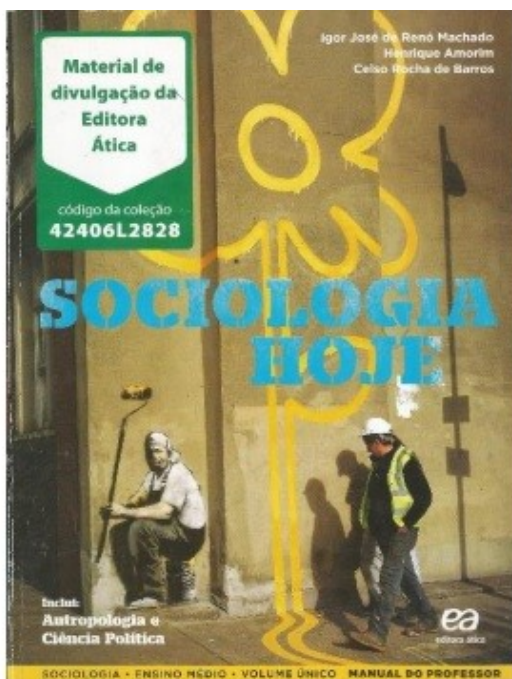


Imagem 1: Capas do livro *Sociologia Hoje* 1ª e 2ª edições pela Editora Ática

A dimensão gráfica das duas edições do livro se constrói a partir do diálogo das ciências sociais com a arte, sobretudo as expressões artísticas e culturais que ocorrem no espaço urbano de diferentes cidades. Grafites, colagens em muros, cores e festas culturais são apresentadas como meio pelo qual se busca a aproximação de uma linguagem menos formal e protocolar na tentativa de estabelecer uma conexão entre a realidade e a geração dos estudantes dos dias de hoje, como apontado enfaticamente por seus autores no manual do livro.

Com isso, o lugar da arte, em suas múltiplas vertentes, entendida como caminho por onde são elaborados, organizados e ilustrados o conteúdo presente no livro também é um ponto que merece atenção. Quando refletimos sobre o papel e lugar da arte como expressões de críticas sociais e políticas, assim como sua aproximação e presença direta na constituição de estudos que costuram teorias e conceitos no campo das ciências sociais no Brasil e no mundo, vale ainda destacar tal composição lúdica como uma tentativa de aproximação do cotidiano e dos interesses dos alunos e alunas.

BREVES APONTAMENTOS SOBRE O CONHECIMENTO ESCOLAR RECONTEXTUALIZADO E SEUS TRÂNSITOS

Basil Bernstein (2003), ao refletir sobre *a estruturação do discurso pedagógico* em contextos contemporâneos, abre caminho para que possamos apreender o sistema educacional como um campo de disputas onde fundamentalmente se reproduzem táticas regulatórias e controles simbólicos em suas dimensões práticas e discursivas no cotidiano escolar. É por essa direção que busco orientar a reflexão aqui proposta de localizar a antropologia brasileira impressa no livro *Sociologia Hoje*.

Para tal argumentação, o autor considera o movimento dialético entre *produção* e *reprodução* que abrangem os discursos entre sistema educacional e a dimensão da divisão do trabalho. Com isso, evidencia-se um olhar para esse campo reflexivo que vai além de uma lógica de “transposição mecânica” aperando sob o signo institucional do currículo e das práticas pedagógicas dominantes, construída em meio a uma arena de conflitos que tornam notáveis os processos de regulação moral através de discursos pedagógicos e educacionais.

Em diálogo com Bernstein, Fábio Braga do Desterro (2016) ao analisar livros didáticos de sociologia para o ensino médio, nos mostra que por meio desses recursos didáticos podemos, por exemplo, elucidar como são apresentados autores e autoras, conceitos,

métodos, teorias e temas caros aos debates possíveis nas Ciências Sociais. Assim, o autor busca refletir acerca do lugar da sociologia na educação básica e dos assuntos que a disciplina deve (ou deveria) apresentar e discutir com os alunos e alunas.

Por meio dessa discussão, a teoria da recontextualização de Basil Bernstein (2003) trabalhada por Fábio Braga do Desterro (2016), onde analisou livros didáticos a partir da *recontextualização* com relação ao processo de ensino e aprendizagem, orienta as reflexões aqui encontradas sobre como a antropologia brasileira é didatizada no livro didático *Sociologia Hoje*. Desse modo, abre-se espaço para pensar a transposição do conhecimento das ciências sociais ao saber presente no currículo da disciplina de sociologia no ensino médio da educação básica e os significados a ela atribuídos na formação de estudantes.

Esse “trânsito do conhecimento”, pensado pelo campo de estudos que traz o debate sobre o ensino de sociologia, se desenha aqui por meio do questionamento a respeito da importância do lugar do conhecimento sociológico na educação básica e da necessidade de afirmação sobre sua legitimidade enquanto área do conhecimento que compõe o quadro de disciplinas da educação secundária. Ademais, vale destacar a forte atuação de organizações e movimentos sociais na condução das lutas pela (re)introdução e permanência da sociologia no currículo escolar.

No que diz respeito especificamente à *aprendizagem da percepção sociológica* pelas perspectivas políticas e científicas acerca do ensino de sociologia e ao destaque dessa área do conhecimento acadêmico em sua mediação na escola, Adélia Maria Miglievich-Ribeiro e Flávio Sarandy (2012), inspirados no que nos disse o sociólogo Wright Mills, apontam para uma reflexão que deve ser compreendida nos seguintes termos analíticos:

[...] trata-se de uma aprendizagem, necessária e legítima, pois que parte do patrimônio cultural humano; aprendizagem que não é fruto tão somente do conhecimento cognitivo de teorias sociais, pois se dá por meio do contato cognitivo do aluno com o pensar sociológico, por diferentes recursos que permitam a mediação do conhecimento das ciências sociais e que desenvolvam em nossos alunos sua imaginação sociológica, sua compreensão sobre as relações sociais nas quais estão inseridos como sujeitos históricos. Trata-se de uma apropriação, por parte dos educandos, de um modo de pensar distinto sobre a realidade humana, não pela memorização, pura e simples, de um ou mais quadros teóricos advindos de uma escola de pensamento, mas pelo contato com diferentes conceitos, e



seus quadros teóricos, que servem como ferramentas da pesquisa sociológica, de seus métodos e da construção de seus resultados. (MIGLIEVICH-RIBEIRO; SARANDY, 2012. p. 41)

Para a construção dessa análise, os autores consideram os emaranhados institucionais e embates sobre o currículo para pensar os movimentos que demonstram o lugar de instabilidade da disciplina de sociologia, sobretudo com as recentes reformas das Diretrizes Curriculares Nacionais e o considerável abalo pela aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2016. Miglievich-Ribeiro e Sarandy apontam, dessa maneira, para a necessidade de maiores reflexões que tragam o olhar sobre como a disciplina vem sendo incluída nos novos currículos do ensino médio a partir do contexto de particularidades para a implementação da BNCC em cada estado no Brasil.

Nesse processo de embates, afirmações e demarcações do campo do conhecimento sociológico no panorama atual, volta-se a questão do quanto essas contingentes relações afetam e interferem fundamentalmente nos processos que envolvem os (des)caminhos do conhecimento produzido pelas ciências sociais no âmbito da academia para as diversas realidades do cotidiano da educação básica brasileira. Falar sobre a relação de ensino e aprendizagem por meio da mediação do conhecimento implica reconhecer que essa discussão, neste trabalho, deve considerar o livro didático como fonte de questões que possam nos levar a refletir sobre essa relação, uma vez que entendo não ser possível falar da sociologia como disciplina escolar sem considerar o livro didático e os temas nele abordados, assim como o que ele representa na atmosfera política da escola e da mediação didática (Bernstein, 2003).

Dentro desse panorama de luta pela reintrodução e obrigatoriedade da disciplina no currículo, no âmbito institucional que envolvem os processos editoriais, a articulação entre autores, o Ministério da Educação e o próprio PNLD, além de secretarias estaduais de educação, professores e sociedade civil organizada em torno desse debate, é preciso ainda ressaltar o avanço da consolidação e da legitimação da sociologia enquanto disciplina na educação básica com o advento de pesquisas acadêmicas sobre livros didáticos e o lugar da disciplina na educação básica.

Refletir sobre a transposição didática da esfera acadêmica ao ensino de sociologia na escola, possibilita o reconhecimento da importância de elucidarmos sobre as formas de estímulos à docência, assim como apontar formas de integração e pontes entre a educação básica e a educação superior. Ademais, as interlocuções aqui propostas entendem a relevância de estarmos atentas e atentos à adequação dos currículos e temas abordados com os Projetos

Pedagógicos do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais às orientações da Base Nacional Curricular – BNCC e a formação continuada de professoras e professores da educação básica brasileira.

Por essa direção podemos pensar, por exemplo, como o ambiente escolar e a sala de aula também podem ser analisados como um lugar onde as teorias, conceitos e métodos também podem ser elaborados e atualizados. O olhar para a escola apreendida enquanto um espaço de reproduções acríticas, lança luz sobre uma série de problemáticas que, no limite, estruturam o sistema educacional brasileiro, onde as desigualdades e violências também ganham relevo e se expressam na atmosfera e no *chão da escola*.

Assim, desde sua aprovação nas edições de 2015 e 2018 do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), *Sociologia Hoje*, pensado como um dos recursos disponíveis para auxiliar a mediação didática, circula por meio de sua distribuição em escolas da rede pública e, hoje, também se encontra disponível para download em inúmeros sites e blogs voltados ao ensino de sociologia. Esse debate merece atenção justamente por compreender que esse recurso didático, ainda que não exclusivamente e de forma restrita, pode ser entendido enquanto a materialização de conteúdos que, como pontuado no livro, buscam trazer retratos da sociedade brasileira pela valorização das diferenças e dos debates sobre as identidades, apontando as desigualdades e assimetrias políticas entre os diferentes grupos sociais.

A QUESTÃO DA DIFERENÇA: UM OLHAR SOBRE A ANTROPOLOGIA NO LIVRO SOCIOLOGIA HOJE

A primeira edição de *Sociologia Hoje* se constrói, segundo seus autores, pela “interação das Ciências Sociais com seu universo de referências e vivências”, onde buscam a ilustração do conteúdo por meio de charges, fotografias, indicações de livros, filmes e músicas que têm por objetivo representar e contextualizar personalidades ou eventos históricos, mapas, críticas sociais, autores e suas obras. No que diz respeito ao conceito de *cultura*, vale destacar que o livro oferece uma unidade inteira voltada à reflexão sobre a antropologia, que se organiza em cinco capítulos onde respectivamente abordam o “Evolucionismo e diferença”, “Padrões, normas e cultura”, “Outras formas de pensar a diferença – olhar francês e inglês”, “Antropologia brasileira” e “Temas contemporâneos da Antropologia”.

Ao adentrar a essa unidade dedicada ao saber antropológico, foi possível observar que o debate sobre *cultura*, colocado como central para o desenvolvimento da disciplina, se

articula por meio de um olhar teórico e historicizado sobre a antropologia. No livro são apresentados autores e autoras em suas respectivas *escolas* e distintas formas de pensar a *diferença* e a *diversidade*, dando relevo ao lugar das reflexões acerca do conceito de *cultura* nos séculos XX e XXI, mostrando, com isso, como essa discussão ainda se apresenta como um debate presente e que segue atual na disciplina.

Desse modo, cabe ainda ressaltar que a apresentação do conteúdo na unidade está baseada em uma perspectiva que considera as assimetrias políticas entre grupos identitários como meio para pensar o lugar da antropologia no currículo das ciências sociais no Brasil, uma vez que as discussões sobre essas questões aparecem destacadas na unidade. Abre-se, desse modo, campo reflexivo para a abordagem teórica sobre identidade, etnicidade, diversidade e os movimentos sociais identitários amparados sob o signo do conceito e do debate acerca da *cultura*.

Além do conteúdo ligado ao debate sobre gênero e sexualidades, outros exemplos para entendimento das *diferenças* pelo ponto de vista cultural também são abordados no livro, propondo questionamentos ligados às sociedades indígenas, relações raciais e apontamentos relativos à migração e imigração. Em suas 90 páginas, a unidade é composta por recursos textuais diversos, onde encontramos no curso dos 5 capítulos, a referência a 60 autores e autoras que buscam dar conta da elaboração de uma certa linearidade sobre a história da antropologia ocidental. Além disso, uma gama de sugestões é apresentada ao final de cada capítulo: ao todo 21 dicas de leituras, 17 filmes e 13 sites voltados para a construção do conhecimento antropológico.

Em meio a textos, imagens, atividades e sugestões que buscam contextualizar e legitimar o conteúdo apresentado na unidade, a utilização de autores brasileiros na construção de uma narrativa em um capítulo específico sobre a *Antropologia brasileira*, se justifica, segundo os autores, pela tentativa de estreitamento dos diálogos entre o “mundo acadêmico” e o conhecimento escolar. Os questionamentos da visão etnocêntrica que ainda se manifesta fortemente na tradição antropológica também são trazidos pelos autores ao abordar pesquisas que destacam a realidade brasileira no centro do debate sugerido.

Os autores do livro justificam a presença de estudos da realidade brasileira para pensar tanto a dimensão urbana quanto a rural que “constitui o Brasil e suas identidades”, temas que configuram análises de pesquisas e tendências que marcaram épocas na história da antropologia brasileira. Uma ideia de “cultura brasileira” se coloca por meio de fragmentos que buscam refletir a respeito dos aspectos que compõem a sociedade brasileira, sendo

exemplificada pelo *rap*, pelo *funk* e também pelas desigualdades, violências e violações que nos configuram enquanto país.

Uma das sugestões dos autores ao proporem atividades sobre as identidades e diferenças, seria de valorizar justamente a diversidade encontrada na escola e na própria sala de sala. Para exemplificação dessas atividades são apresentadas fotografias de cerimônias religiosas de diferentes vertentes e matrizes, diferenças de estilos de músicas, além das questões raciais, de gênero e sexualidade que também aparecem nessas atividades.

Com isso, a partir desses breves apontamentos e do que foi observado no livro didático *Sociologia Hoje*, pode-se comprovar o esforço de estímulo à abertura de discussões sobre as *diferenças*. Essas questões são levantadas por meio de debates que trazem, por exemplo, questões raciais, de gênero e sexualidades em diálogo com o atual cenário brasileiro de embates, desigualdades e assimetrias políticas, configurando, como pontuado no livro, esses temas como uma das preocupações que têm sido amplamente discutidas na sociedade e na academia pelas ciências sociais contemporâneas.

A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA NO LIVRO SOCIOLOGIA HOJE

Considerando que o olhar aos livros didáticos para o ensino básico pela ótica da mediação possibilita aberturas analíticas diversas, e que este trabalho se inclina aos diálogos que consideram a atenção para esses recursos como meio de investigação, busco aqui refletir como a pluralidade de conteúdos aparecem compilados no livro em questão. Desse modo, dando destaque ao capítulo *Antropologia brasileira*, que compõe a unidade voltada ao conhecimento antropológico, foi possível aprofundamento reflexivo sobre a tentativa de aproximação do conteúdo das ciências sociais do cotidiano dos alunos, como proposto e sublinhado por seus autores no manual do professor destinado à edição, uma vez que a unidade apresenta uma variedade de autores e autoras brasileiras e suas pesquisas realizadas em território nacional.

Dos 60 autores e autoras apresentados na unidade, 23 são mencionados no capítulo dedicado ao debate que faz um levantamento de pontos relativos à história da antropologia no Brasil permeada por suas influências nacionais e externas. Por meio da entrevista realizada com Igor Machado, um dos autores do livro, Bárbara Fontes (2019), em sua tese, nos mostra, a partir dos relatos, a construção da *Unidade Cultura* baseada em cursos de graduação e pós-

graduação ministrados pelo autor, o que, aliás, justifica, segundo Machado, a presença de um capítulo específico sobre a *Antropologia brasileira* e suas discussões contemporâneas.

O panorama sobre a história da disciplina no Brasil é abordado no desenvolvimento do capítulo do livro em quatro períodos, sublinhando um debate que tem como marco os “primeiros tempos”, que seria do fim do século XIX até os anos de 1930, onde são acionados autores como Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha para retratar um olhar atravessado pelo “pessimismo em relação ao povo brasileiro devido à miscigenação” (Fontes, 2019). O segundo período mencionado no capítulo diz respeito ao processo brasileiro de institucionalização e legitimação da disciplina até a década de 1960, onde torna-se possível notar uma construção narrativa que destaca teorias acerca da formação do Brasil enquanto nação por meio de uma identidade nacional, frisando a contribuição de Gilberto Freyre para a abertura de uma visão pautada, como apresentado na unidade, na valorização da miscigenação ligada a uma suposta e controversa ideia de “democracia racial”.

Há ainda uma narrativa presente no livro que considera Roberto DaMatta, Gilberto Velho, Darcy Ribeiro, Roberto Cardoso de Oliveira e Eunice Durham como referências pioneiras em um período de surgimento de cursos de pós-graduação e consolidação da antropologia no Brasil. O “perfil” do antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira é, aliás, retratado em um *box* que traz, além de sua fotografia e o apontamento de sua importância nos estudos com grupos indígenas, também a trajetória de sua formação marcada pela orientação de Florestan Fernandes e a forte influência do antropólogo Darcy Ribeiro, com quem trabalhou no então Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que depois veio a se transformar na Funai. Como representado na unidade em questão, Oliveira é

considerado um dos fundadores da antropologia brasileira pelo destaque de suas atividades docentes e institucionais, [que] influenciou gerações de antropólogos com suas ideias sobre fricção interétnica, identidade étnica e epistemologia da Antropologia. (MACHADO [et al.], 2013, p.81)

Os autores apontam ainda para o desenvolvimento da antropologia urbana no Brasil como um ponto de abertura para pensarmos esse período específico da história da disciplina, assinalado pela ampliação de debates e pesquisas marcadas pela “proximidade” com os “objetos de estudo”. Algumas dessas pesquisas apontavam para as especificidades subjetivas com relação à violência e criminalidade em contextos urbanos, migração, lazer de classes

populares, “tribos urbanas”, além de investigações acerca das questões raciais, de gênero e sexualidades.

Seguindo por esse capítulo, encontramos também uma discussão que compreende, ao contrário do que nos mostram outras tradições antropológicas, no decurso do século XX a antropologia no Brasil concentrou-se especificamente em estudar grupos historicamente marginalizados, como as populações indígenas, negras, camponesas e homossexuais. Conforme mencionado e ressaltado no livro:

O mesmo movimento possibilitou ainda que a proximidade fosse vista como objeto de análise em outras dimensões além das de diferença de renda: antropólogas feministas passaram a estudar a opressão da mulher, antropólogos e antropólogas homossexuais passaram a estudar as relações de gênero e as diversidades sexuais, antropólogos negros se dedicaram a estudar as relações raciais, e assim por diante. (MACHADO [et al.], 2013, p.86)

Dentre a grande variedade de temas que a antropologia urbana tem dedicado atenção mais recentemente, o livro *Sociologia Hoje* cita como exemplo estudos que trazem a reflexão de questões específicas referentes à sexualidade e gênero, onde foi apontado que os debates acerca dessa temática “ganham dimensões políticas importantes, num contexto marcado pela discriminação e pela violência contra mulheres, homossexuais e travestis.” (MACHADO [et al.], 2013, p.87). Como frisado pelos autores:

O debate sobre as relações de gênero, relacionado com o debate de lutas feministas no Brasil, ganhou destaque a partir da década de 1970, sendo integrado à Antropologia através da criação de centros de pesquisa e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação. Em termos gerais, a noção de gênero busca pensar as relações entre homens e mulheres como relacional e flexível (ou seja, homem e mulher são categorias que variam, não descrições de uma realidade biológica). Essa é uma forma de desnaturalizar a relação entre homens e mulheres, historicamente comandada por determinações biológicas. Os termos usados são “masculinidade” e “feminilidade”, pois descrevem estilo e processos diferentes conforme o contexto: isto é,



existem diferentes “masculinidades” e diferentes “feminilidades”.
(MACHADO [et al.], 2013, p.87)

Ao final do capítulo encontram-se atividades com questões que buscam revisitar o conteúdo que fora trabalhado, além de duas questões na seção *interagindo*, contendo um exercício para reflexão a partir da letra da música “etnia”, de Chico Science e Lucio Maia. Encontramos também um trecho de uma canção do cantor Lenine – *Jack soul brasileiro*, abrindo, com isso, caminho para atividade sugerida para discussão em grupo sobre as *diferenças culturais no Brasil*. Foi possível observar ainda a presença de uma atividade na seção *contraponto*, trazendo uma tirinha da cartunista Laerte, onde “chama atenção para um problema recorrente no Brasil contemporâneo: o preconceito e a discriminação de gênero e/ou sexualidade” (MACHADO [et al.], 2013, p.90), tema também abordado de maneira pulverizada nos demais capítulos e unidades de *Sociologia Hoje*.

Nas sugestões de leituras e filmes encontrados nas últimas páginas do capítulo, nos deparamos com uma lista composta apenas por indicações nacionais, tais como o documentário *Pierre Fatumbi Verger: mensageiro entre dois mundos*, com direção de Lula Buarque, e o filme *Tapete vermelho* do cineasta Luiz Alberto Pereira. As sugestões de leituras indicam *Casa-Grande & senzala em quadrinhos*, e o livro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Merecem destaque ainda os sites que aparecem sugeridos no final do capítulo, convidando ao acesso às páginas pessoais das antropólogas Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti e Julio Cezar Melatti, e também ao site do NAU – Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo – USP.

O conteúdo presente no livro, assim como sua forma de abordagem por meio de um conjunto de imagens, autores, letras de músicas, atividades e sugestões de leituras, são acionados como uma tentativa de legitimação e aprofundamento do conhecimento antropológico discutido no capítulo, onde a discussão sobre as diferenças se coloca como central no debate apresentado. Com isso, é possível observar uma preocupação dos autores de *Sociologia Hoje* com relação à aproximação das teorias desenvolvidas pelas ciências sociais do cotidiano dos alunos por meio de exemplos e ilustrações citadas ao longo do capítulo. Dessa forma, quando analisamos as 16 páginas dedicadas à *Antropologia brasileira*, onde debates conceituais e exemplos de pesquisas nacionais trazem um panorama da história da antropologia no país como tentativa de ressaltar a discussão a respeito da diversidade que compõe a sociedade brasileira, podemos indagar a respeito dos processos que envolvem a

mediação didática e o deslocamento que o conhecimento das ciências sociais percorre até o “chão da escola”.

As marcas das especificidades de investigações de pesquisas brasileiras sobre “realidades próximas” produzidas em nosso país, segundo os autores e autoras, têm por meta a aproximação do cotidiano social do país. Como desdobramento, podemos pensar ainda com relação aos efeitos e ressonâncias desse olhar afetado por uma subjetividade que aponta para o questionamento e estreitamento de fronteiras que buscavam separar os “mundos da academia” do “mundo da militância”, produzindo, assim, indagações que dizem respeito fundamentalmente acerca da diluição de estruturas colonizadoras em suas narrativas hegemônicas sobre a história, a cultura e a diferença.

Bárbara Fontes (2019) e Fábio Braga do Desterro (2016) nos mostram ainda que o livro não ficou imune a críticas e polêmicas internas. Além de questões relacionadas à presença de discussões sobre gênero e sexualidade de forma pouco aprofundadas, uma considerável parte das críticas elaboradas, em maior parte no âmbito acadêmico, indicava uma abordagem muito complexa e de difícil acesso aos alunos³. De acordo com Fábio Desterro em seu olhar sobre o capítulo, observa-se que é seguida uma narrativa que privilegia a história das ideias antropológicas, procedimento se repete nos capítulos sobre a sociologia e a ciência política brasileiras.

Dessa estrutura do capítulo voltada a *Antropologia brasileira*, foi possível notar a organização dos debates e abordagens pautadas em um viés crítico como meio de levantamento de questões relativas às diferenças e aproximação da realidade dos alunos e alunas. Pode-se entender que a unidade busca dar conta de tratar de debates que envolvam a diversidade, as desigualdades e manifestações de distintas formas de violência, uma discussão ainda com muitas lacunas, hiatos e silenciamentos na sociedade brasileira e que as ciências sociais têm se dedicado a analisar.

Ademais, quando apreendemos as múltiplas formas do ensinar e aprender antropologia considerando seus recursos didáticos e espaços formativos, permite-se que possamos discutir sobre o lugar do ensino de antropologia na educação básica dentro do quadro da disciplina de sociologia. Por essa direção, por exemplo, podemos apontar para algumas discussões específicas relativas a essa área do conhecimento que se colocam como fundamentais para

³ Segundo Bárbara Fontes (2019), em entrevista concedida por Igor Machado, foi relatado que na segunda edição do livro, “a equipe buscou linguagem mais coloquial, sem alterar a estrutura do argumento. As alterações ocorreram, sobretudo, nos últimos capítulos de cada unidade, considerados pelo autor de conteúdo mais complexo. Para Igor, é uma experiência difícil e trabalhosa não abrir mão da sofisticação intelectual na passagem do conhecimento acadêmico para o escolar.” (p. 176)

entendermos os caminhos e rumos das ciências sociais enquanto saber legítimo no Brasil, seja na academia ou no ambiente escolar do ensino básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar algumas nuances do ensinar e aprender antropologia para além dos muros acadêmicos. Para tanto, buscou-se ressaltar o saber antropológico pelo olhar ao deslocamento do conhecimento das ciências sociais da universidade para as salas de aula do ensino médio brasileiro por meio de manuais e livros didáticos, tal como investigaram Amurabi Oliveira (2023), Fábio Braga do Desterro (2016), Júlia Maçaira (2017) e Bárbara Fontes (2019).

A experiência didática que possibilitou a abertura de um olhar ao livro didático *Sociologia Hoje*, dos autores Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros, se apresentou, neste artigo, como o caminho por onde busco elaborar algumas questões acerca do trânsito entre o conhecimento científico das ciências sociais para o chão da escola e vice-versa (HANDFAS, 2013). Esse recurso didático reflete a compilação de teorias e debates que buscam traçar uma linha do tempo sobre a história das Ciências sociais, privilegiando autores e autoras, obras, exemplos, sugestões de leituras, filmes, músicas e sites que visam, no caso da antropologia no livro, criar uma espécie de mosaico composto por recortes e fragmentos das diferenças culturais.

No que se refere à *Antropologia brasileira*, o quarto dos cinco capítulos que compõe a *Unidade Cultura*, foi possível notar que o livro traça uma narrativa que apreende a história da disciplina no Brasil, privilegiando certos autores e autoras, suas principais obras e pesquisas sobre a realidade nacional. Foi possível observar que há uma preocupação por parte dos autores do livro em trabalhar a questão da *diferença* sem abandonar o rigor teórico e metodológico da antropologia, buscando, dessa forma, conexões com a vivência dos alunos e alunas por meio de discussões caras a sociedade brasileira.

A abertura dessa unidade para investigação sobre como a antropologia aparece nesse recurso didático possibilitou o encontro com uma série de charges, tirinhas, mapas, imagens, atividades e discussões que buscam a tentativa de uma construção e legitimação de um olhar crítico sobre as relações culturais da vida em sociedade. Das unidades que dão forma ao livro, a direcionada ao saber antropológico é a que apresenta de forma mais sistemática o debate acerca da *diferença* e a que toma a *cultura* enquanto um conceito antropológico para apresentação do conteúdo referenciado e temas debatidos.

Com relação aos livros didáticos em seus emaranhados políticos, institucionais e editoriais, abre-se aqui um breve parêntese que deve considerar o cenário político atual, que nos possibilita pensar a discussão e os embates sobre o futuro da educação pública no Brasil. Para tanto, é válido e pertinente considerar o novo ensino médio que se anuncia, pautado em uma ideia de educação tecnicista, em itinerários formativos “voltados ao mercado de trabalho”, em que as disciplinas de humanas, dentre elas a sociologia, estarão reduzidas e compiladas em novos livros e recursos didáticos.

A partir da observação sobre essa conjuntura, atravessada por reformas, tensões, instabilidades e também por articulações e organizações sociais em defesa da educação pública, podemos frisar a situação da educação em nosso país de maneira mais ampla. Além disso, a exemplo do que foi abordado neste artigo, cabe questionar como serão abordados conteúdos e discussões que fundamentalmente compõem os debates das ciências sociais, particularmente no que abarca a discussão sobre a diferença e a diversidade cultural; como, afinal, esse conteúdo será exposto e mediado nos novos recursos didáticos que arbitrariamente se anunciam no que se convencionou chamar de “novo ensino médio”?

REFERÊNCIAS

BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. **Cadernos de Pesquisa**, n. 120, p. 75-110, nov. 2003.

DESTERRO, Fabio Braga do. **Sobre livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio**. 270 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FONTES, Bárbara de Souza. A Antropologia na educação básica: uma análise de três livros didáticos. **Revista Perspectiva Sociológica**, n. 17. 2016. _____ **Entre o “chão da escola” e a universidade: a antropologia nos manuais didáticos de sociologia**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), 2019.

GROSSI, Miriam Pillar; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmen. **Ensino de antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além fronteiras**. Blumenau-SC: Nova Letra, 2006.

HANDEFAS, Anita. O estado da arte do ensino de Sociologia na educação básica: um levantamento preliminar da produção acadêmica. **Revista Inter-legere**, n. 09. 2013.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. **O gênero e a sexualidade como tema da sociologia escolar: uma comparação entre livros didáticos (PNLD 2012 e 2015)**. Monografia de Especialização - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Faculdade de Educação, Curso de Especialização em Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB), 2016.

MACHADO, Igor José de Renó [et al.]. **Sociologia hoje**. Volume único. 1.ed. São Paulo: Ática, 2013.

MAÇAIRA, Julia Polessa. **O ensino de sociologia e ciências sociais no Brasil e na França: recontextualização pedagógica nos livros didáticos**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), 2017.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia Maria; SARANDY, Flávio. **Perspectivas políticas e científicas acerca do ensino da sociologia**. In: FIGUEIREDO, André; OLIVEIRA, Luiz Fernandes; PINTO, Nalayne. (Org.). *Sociologia na sala de aula: reflexões e experiências docentes no Rio de Janeiro*. 1ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2012, v. 1, pp. 21-45.

OLIVEIRA, Amurabi. A Antropologia no Ensino Médio: uma análise a partir do livro didático. **Cadernos de Estudos Sociais**. v. 28. n. 02. 2013.

PONTES, Diego. Páginas contingentes: gênero e sexualidade no livro didático *Sociologia Hoje*. **Revista Perspectiva Sociológica**, n. 19. 2017.

